

BOOKS

Martin Hummel, Célia dos Santos Lopes (eds), *Address in Portuguese and Spanish: Studies in Diachrony and Diachronic Reconstruction*, Berlin-Boston, De Gruyter, 2020, 478 p.

Editado por Martin Hummel e Célia Regina dos Santos Lopes e publicado na prestigiada editora De Gruyter, o volume *Address in Portuguese and Spanish: Studies in Diachrony and Diachronic Reconstruction* será certamente uma obra de referência no âmbito dos estudos sobre as formas de tratamento nestas duas línguas românicas.

Aliás, os editores são nomes de referência na área. Martin Hummel editou em 2010 o volume *Formas y formulas de tratamiento en el mundo hispanico* em colaboração com Bettina Kluge y María Eugenia Vázquez Laslop. Célia Regina dos Santos Lopes já organizou, com Leticia Rebollo Couto, o volume *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*, publicado na editora da Universidade Federal Fluminense do Brasil em 2011.

O volume *Address in Portuguese and Spanish: Studies in Diachrony and Diachronic Reconstruction* contém treze estudos que se debruçam sobre a evolução das formas de tratamento em

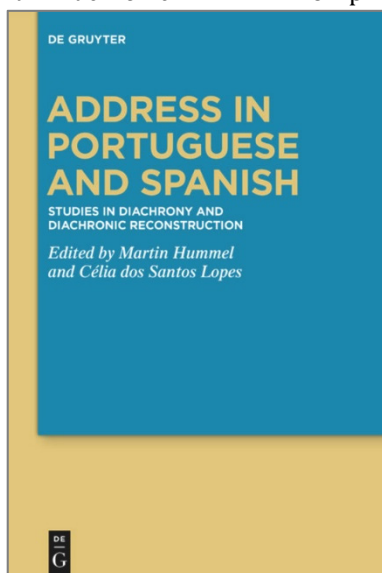
ambas as línguas, nas variedades situadas nos dois lados do Atlântico, a maioria das contribuições abordando as formas pronominais.

No primeiro estudo da obra,

Martin Hummel faz um panorama sobre a diacronia das formas de tratamento em ambas as línguas, mostrando as limitações dos estudos anteriores e propondo um modelo modular de análise, que integra abordagens complementares: a “crise”, a tipologia (variação em função do parâmetro *pro-drop*), diacronia semasiológica ou onomasiológica, a relação entre oralidade/escrita (no processo de normalização da língua)

e a reconstrução diacrónica.

Victor Lara Bermejo faz uma comparação entre o português de Portugal e o espanhol da região da Andalúcia, do ponto de vista da concordância dos pronomes de tratamento *vocês* e *ustedes* com os verbos e os clíticos. Os dados atuais, comparados com os da primeira metade do século XX, mostram comportamentos análogos e a reconfiguração de zonas de convergência



linguística para as duas variedades estudadas do espanhol e do português.

Célia Regina dos Santos Lopes, Leonardo Lennertz Marcotulio e Thiago Laurentino de Oliveira fazem uma história do pronome *você* no português do Brasil e da reorganização do sistema pronominal, com base numa análise detalhada de um corpus abrangente. A análise minuciosa mostra a distribuição regional de diferentes características (o uso do clítico *te* em acusativo, dos clíticos em dativo, das formas com preposições) e confirmam estudos anteriores, que destacam a falta de uma evolução unitária de *você* no território brasileiro.

Izete Lehmkuhl Coelho e Christiane Maria Nunes de Souza propõem uma análise dos pronomes *tu* e *você* em Santa Catarina, um estado situado do Sul do Brasil. O corpus (mais de 250 cartas pessoais redigidas entre 1870 e 1990) mostra que no século XIX *tu* era a forma de tratamento mais utilizada, ao passo que no século XX se observa uma hesitação entre *tu* e *você*, sendo o uso de *você* uma influência dos emigrantes da região de São Paulo. O emprego de *tu* no século XIX corrobora o peso da comunidade dos imigrantes portugueses, oriundos maioritariamente da região dos Açores.

O estudo seguinte, da autoria de Vanessa Martins do Monte, debruça-se sobre *tu* e *você* em São Paulo, num corpus epistolar abrangente (séculos VIII-XX), demonstrando “a vitória de *você*” no tratamento alocutivo. Com base numa análise estatística, a autora chega à conclusão de que *você* começa a ganhar terreno na região de São Paulo antes de o mesmo fenómeno ocorrer na (então) capital do Brasil, Rio de Janeiro.

A contribuição de Márcia Cristina de Brito Rumeu trata da variação *tu/você*

em cartas de Minas Gerais, que abrangem mais de um século (1860-1989). A análise quantitativa mostra a instabilidade do sistema pronominal, uma vez que os falantes preferem o clítico *te* para as formas acusativas e dativas e *você* para as formas oblíquas (com preposições). Os resultados confirmam a hipótese que a emergência de *você* no sistema pronominal brasileiro não foi unitária, havendo também diferenças em função dos contextos sintáticos.

Gunther Hammermüller, que já publicou uma série de trabalhos sobre as formas de tratamento do português europeu, faz uma análise da variação *vossemecê-você* em usos dialetais de Portugal, com base no *Inquérito Linguístico Boléo*. Tomando em consideração o número elevado de “ilhas multiestratificadas” de normas que regulam as formas de tratamento, o autor propõe o conceito de *socioglosses*, que pode explicar a relação entre as diferentes ilhas de usos regionais e as “autoridades” que impõem o padrão linguístico e, por conseguinte, a grande variedade de sistemas de tratamento utilizados a nível regional.

Virginia Bertolotti concentra-se sobre o desaparecimento de *vosotros* no espanhol da América, mostrando que nesta variedade de língua não havia oposição formal/informal no tratamento pronominal dado a vários interlocutores. A perda de *vosotros* no espanhol da América dá-se no século XVIII, o que coincide a evolução do mesmo fenómeno na Andalusia, em Espanha.

Por sua vez, Philipp Dankel e Miguel Gutiérrez Maté fazem uma análise do espanhol de Peru, focando o uso do possessivo *vuestro*, o que constitui um traço desta variedade. A análise mostra

que a distribuição de *vuestro* depende de fatores sociolinguísticos e do caráter mestiço da cultura em Cusco. A influência do Quechua pode explicar algumas estratégias de cortesia utilizadas pelos locutores e a configuração do sistema de tratamento, inclusive o uso do possessivo *vuestro*.

María Marta García Negroni e Silvia Ramírez Gelbes abordam a relação norma/uso nas formas pronominais de tratamento no singular (*vos/usted/tú*) na Argentina. O estudo identifica a sobreposição na língua atual entre a norma prescritiva e a norma descritiva. Porém, nos anos 1960 as duas eram bem distintas. Aliás, o corpus de 2015 mostra um uso muito mais frequente de *vós* do que no corpus dos anos 1960.

María Eugenia Vázquez Laslop debruça-se sobre o discurso político mexicano, analisando os debates presidenciais de 1994 e 2012. As preferências pelas formas diretas e vocativas sublinham a função apelativa das formas de tratamento nos debates, quando os candidatos falam entre si. Quando se dirigem ao público, os candidatos passam da utilização das formas de tratamento indiretas (1994), ao uso das formas de tratamento diretas informais (2012), o que mostram a evolução na comunicação política.

Miguel Calderon Campos e Maria Teresa Garcia-Godoy analisam *su merced*, considerado um elemento típico das variedades americanas da língua

espanhola. Utilizada para o tratamento de segunda pessoa plural e tendo passado de forma delocutiva a forma alocutiva, *su merced* teve uma evolução mais complexa na América do que em Espanha, adquirindo valores de familiaridade.

Isabel Molina Martos analisa o tratamento infomar (*el tuteo*) em Espanha entre 1875 e 1939, com base num corpus de cartas privadas. A análise mostra que depois da adoção do tratamento por *tu* nos meios familiares, a mudança linguística se generalizou de cima para baixo e de baixo para cima, sendo *tu* a forma de tratamento preferida numa grande variedade de contextos sociais.

Como já referimos no início deste texto, o volume *Address in Portuguese and Spanish: Studies in Diachrony and Diachronic Reconstruction* será uma referência incontornável para os especialistas que se dedicam à investigação das formas de tratamento do português e do espanhol. A riqueza das contribuições, que propõem pistas de análises diacrónicas minuciosas, é inquestionável. Os modelos teóricos inovadores propostos por Martin Hummel e Gunther Hammermüller, que explicam o funcionamento de um fenómeno sociopragmático complexo, podem ser utilizados para análises futuras. Seria de certeza desejável continuar este projeto editorial com volumes sobre as formas nominais de tratamento ou com análises comparativas abertas às outras línguas românicas.

VERONICA MANOLE